

ALTERAÇÕES MACRO E MICROMORFOLÓGICAS DE BRÂNQUIAS DE BIJUPIRÁ

Rachycentron canadum: RELATO DE CASO*

Luara Lucena CASSIANO^{1,4}, Marcia Helena Braga CATROXO², Marcio HIPOLITO², Danielle de Carla DIAS³, Leonardo TACHIBANA³, Carlos Massatoshi ISHIKAWA³ e Ana Maria Cristina Rebello Pinto da Fonseca MARTINS²

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sanidade, Segurança Alimentar e Ambiental no Agronegócios

² Pesquisador Científico Instituto Biológico – APTA – SAA, SP

³ Pesquisador Científico Instituto de Pesca – APTA – SAA, SP

⁴ Endereço: Av Conselheiro Rodrigues Alves, 1252, SP/SP

* Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 12930-0

Palavras chaves: Cobia; peixes marinhos, histopatologia, morfologia

INTRODUÇÃO

Bijupirá ou Cobia é um peixe nativo das águas brasileiras, espécie de superfície e meia água, em áreas costeiras e no alto-mar; assemelhando-se a um pequeno tubarão. Sua carne é branca com textura elástica, sabor suave e filés de mais de um quilo. Tem grande produtividade. Peixe de escamas muito pequenas. Pode ser encontrada ocasionalmente em águas rasas com fundo rochoso ou de recife e em estuários e baías. Normalmente é encontrada sozinha ou aos pares, mas pode formar cardumes pequenos. Alimenta-se de peixes, crustáceos e lulas (CAVALIN, 2005).

MATERIAL E MÉTODOS

Coletamos em Ilha Grande/ RJ 20 Bijupirás. Os animais foram imediatamente submetidos à necropsia após o sacrifício humanitário e parte dos órgãos fixados em formalina 10 % tamponada. Em seguida as amostras foram submetidas à técnica histológica de rotina Hematoxilina-Eosina (H&E): desidratados, diafanizados e parafinados. Cortes obtidos com 5 µm de espessura com auxílio de um micrótomo, corados com H&E, montados em lâmina com lamínula e observados ao microscópio óptico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se à necropsia que um dos 20 animais examinados apresentava brânquias bilateralmente com filamentos alongados dando a aparência de “felpuda”. Avaliando-se ao

microscópio óptico, histologicamente, visualizou-se áreas com alongamento das lamelas branquiais as quais formavam angulação de quase 90° em um dos lados. Na outra face viu-se ausência de lamelas na lateral dos filamentos o que caracterizou zona de “apagamento” dos filamentos e hiperplasia e fusão das lamelas primárias e secundárias, que avançavam do esqueleto da brânquia até a porção distal das lamelas secundárias, portanto, uma proliferação do epitélio interfilamentar com predominância de mucócitos. Outra alteração observada foi a dilatação da porção distal do filamento formando os báculos (o desenvolvimento dessa estrutura poderia estar relacionado às necessidades de maior aumento da superfície de trocas gasosas). Mesclando a essas alterações haviam áreas com morfologia normal branquial. Concluímos que a exposição provável dos peixes à agentes químicos no meio ambiente aquático (MCKIM e ERICKSON, 1991) induziu a alterações morfológicas branquiais, uma adaptação morfo-funcional, sendo estes órgãos essenciais para a respiração, osmorregulação, equilíbrio ácido-base e excreção de nitratos e nitritos (MACHADO, 1999).

REFERÊNCIAS

- CAVALIN, F.G. 2005 *Bijupirá*. Disponível em: <<https://panoramadaaquicultura.com.br/bijupira/>>. Acesso em: 9 fev. 2019.
- MACHADO, M. R. 1999 Uso de brânquias como indicadores da qualidade da água *UNOPAR Cient Bio Saúde*, Londrina, 1: 63-76.
- MCKIM, J M & ERICKSON, R J, 1991 Environment impacts on the physiological mechanisms controlling xenobiotic transfer across fish gills. *Physiological Zoology*, 64 (1): 39-67.